

PODER

■ POLÍTICA

■ DINHEIRO

■ BASTIDORES

Boliviano fecha porta a Chávez
Opositores invadem o aeroporto e adiam a visita de Hugo Chávez ao presidente Ivo Morales. **Página 10.**

Energia elétrica sobe 20%
Reajuste de 19,2% na conta de luz residencial entra em vigor a partir de amanhã. **Página 5.**

OLIBERAL

Dias dos pais chegando...

A gente sabe!



Saídas diárias
SP/BE/SP
(91)3255-4777
comercio@portalcar.org.br
www.portalcar.org.br
PORTAL
CARGAS
Seu cargo. Nossos compromissos.

Classe média já é maioria

ASCENSÃO
Brasileiros com situação econômica remediada já são 52% da população

Rio de Janeiro (AE) - A classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam esta faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade da macroeconomia e pelo aumento do emprego com carteira assinada. É o que revela o levantamento "A Nova Classe Média", divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Segundo a pesquisa, hoje há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

O economista Marcelo Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos. Ele aponta como um dos principais fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada. "A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", sentença.

O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa Família,



FONTE: OPINIONBOX.COM BASE NOS DADOS DA FGV E IBGE

lia, por exemplo. "Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresce muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu

a partir do próprio trabalho", afirmou.

Esse aumento no número de pessoas empregadas pode ter influenciado uma



Classe C ou média dispõe de renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591

traram o desenvolvimento do Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. O valor do índice varia de 0 a 1, sendo que 0 significa que não há desigualdade e 1 representa um cenário onde a desigualdade é máxima, ou seja, apenas um pequeno grupo detém toda a renda da sociedade. De abril de 2002 para abril deste ano, o Índice de Gini passou de 0,62 para 0,58.

O economista comentou que a participação das famílias na faixa da miséria, com renda próxima de zero, no total da população pesquisada caiu de 34,93% para 25,16%, nos últimos seis anos. "Estamos com uma boa safra de indicadores sociais, nunca antes vista", disse.

QUALIFICAÇÃO

Nery comentou que um dos pontos fracos apontados pelo levantamento foi a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. "Antes tínhamos uma crise de desemprego; hoje temos um apagão de mão-de-obra", disse. A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população pesquisada para o levantamento saltou de R\$ 1.784,08 para R\$ 1.956,90 de abril de 2002 para abril deste ano - um aumento de 9,6%.

Nos últimos seis anos, a participação das classes A e B (famílias com renda superior a R\$ 4.591 mensais) também aumentou nas seis regiões metropolitanas passando de 11,61% para 15,52%. Já a participação das famílias de classe mais baixa, que ganham menos de R\$ 1.064 por mês, caiu de 46,13% para 32,59% da população.

Pobreza diminui, mas ainda atinge um em cada quatro brasileiros

BRASIL

Agência Estado

Entre 2002 e o final de 2008, três milhões de brasileiros que moram nas seis principais regiões metropolitanas do País - São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife - terão saído da pobreza. É o que aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do governo federal. A taxa de pobreza nessas seis capitais do País - onde vive um quarto da população brasileira e são produzidos dois quintos do Produto Interno Bruto (PIB) - cairá de 32,9% para 24,1%.

Esse contingente populacional passou a integrar o grupo que o presidente do Ipea, Márcio Pochmann, chamou ontem de "classe média emergente". Esse novo segmento da população se expandiu com o crescimento econômico dos últimos anos, que permitiu o aumento do emprego e da renda. Desde 2003 até o final de 2008, quatro milhões de pessoas terão saído da pobreza. Em 2003, ano seguinte à crise econômica, o número de pobres era maior do que em 2002.

A pesquisa do IPEA tam-

bém apontou um crescimento do número de "novos ricos". Esse grupo aumentou 28,1 mil entre 2002 e 2008. Em 2002, as pessoas consideradas ricas nas seis regiões correspondiam a 448,5 mil. Agora, em 2008, somarão 476,6 mil. Apesar disso, a participação de ricos no total da população nessas seis regiões metropolitanas, permaneceu estável, em 1%.

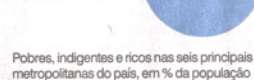
O IPEA classificou como pobres as pessoas que têm renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 207,50). Ricas são aquelas pertencentes a famílias com renda igual ou maior do que 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil).

Para elaborar a pesquisa, o IPEA retrabalhou informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE. Os dados de 2008 foram estimados pelo IPEA, uma vez que o ano ainda não terminou. Pochmann ressaltou, no entanto, que a pesquisa capta basicamente a renda oriunda dos rendimentos do trabalho e da aposentadoria.

"O Brasil está deixando de ser um país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza

DIMINUI A POBREZA NO PAÍS

Pesquisa do Ipea mostra que a parcela de pobres caiu para 25,2% em 2007



Pobres, indigentes e ricos nas seis principais regiões metropolitanas do país, em % da população

POBRES	INDIGENTES	RICOS
2002 = 32,9	2002 = 12,7	2002 = 1
2003 = 31,9	2003 = 13,7	2003 = 0,8
2004 = 33,4	2004 = 12,6	2004 = 0,8
2005 = 30,2	2005 = 10,4	2005 = 0,9
2006 = 27,1	2006 = 8,3	2006 = 1
2007 = 25,2	2007 = 7,3	2007 = 1

POBRES	INDIGENTES	RICOS
Renda familiar per capita até R\$ 207,50 (meio salário mínimo) em valores atuais	Renda familiar per capita até R\$ 103,75 (um quarto do salário mínimo) em valores atuais	Renda familiar total a partir de R\$ 16.600 (40 salários mínimos) em valores atuais

FONTE: IPEA, COM BASE NA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO DO IBGE

relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide", disse Pochmann. "O

avanço é maior nos pobres do que nos ricos", acrescentou. Segundo ele, a pobreza es-

tá caindo nessas seis regiões por conta do crescimento da economia, do aumento do sa-

lário mínimo, dos programas sociais de transferência de renda do governo, como Bolsa Família, e dos incentivos à agricultura familiar.

A maior queda na pobreza foi observada na região metropolitana de Belo Horizonte, onde o número de pobres cairá de 38,3% da população em 2002 para 23,1% da população até o final de 2008. Por outro lado Recife e Salvador apresentaram as maiores taxas de pobreza: 43,1% e 37,4%.

A pesquisa também mostrou redução do número de indigentes nas seis regiões metropolitanas. Em 2002, 5,6 milhões de pessoas eram consideradas indigentes e em 2008 esse contingente cairá para 3,1 milhões. Indigente na pesquisa, é quem vive com até um quarto do salário mínimo por mês. Na avaliação de Pochmann, o retrato observado nessas capitais pode ser estendido para o resto do País.

Ele alertou, porém, que os ganhos de produtividade não estão sendo repassados aos salários. Isto porque, segundo ele, os mais ricos estariam "capturando" o crescimento da produtividade, sem repassá-los para os trabalhadores com salários mais baixos.